

CAPOEIRA: UM SABER ANTIRRACISTA E DECOLONIAL

TATIANE GONÇALVES PEREIRA SOUZA¹

DANILO CÉSAR SOUZA PINTO²

PROFESSOR PERUCA³

Este texto foi pensado como um ensaio sobre algumas potencialidades da capoeira na escola. Para tanto, discutiremos brevemente um pouco das controvérsias sobre a etimologia da palavra e algumas das muitas versões correntes sobre a origem da capoeira. A ideia aqui não é só se posicionar diante das versões, mas, assim como um capoeirista, produzir um jogo gingado com essas possibilidades. Por fim, trazer algumas reflexões filosóficas sobre o que é a capoeira e como ela pode ser aplicada na escola. É importante marcar que temos como grandes referências mestres capoeiristas que jogam e gingam também naquilo que se chama academia, produzindo, cada um ao seu modo, movimentos antieurocêntricos e decoloniais.

O termo capoeira tem diversas acepções em nossa língua. Eis algumas. De origem tupi, “caa-apuam-era” foi proposto por José de Alencar em *Iracema* com a tradução de “ilha de mato já cortado”, em 1865. Conforme a interessante acepção de Macedo Soares (1880), o termo teria vindo do guarani “caapuêra”, que significa “mato que foi”, atualmente traduzido por: “mato miúdo que nasceu no lugar do mato virgem que se derrubou”.

Segundo Mestre Xaréu⁴, “atualmente, são quase unânimes os tupinólogos em aceitarem o étimo caá, ‘mato, floresta virgem’, mais puêra, pretérito nominal que quer dizer ‘o que foi, e o que não existe mais’” (CAMPOS, 2001a, p. 21). Há ainda uma acepção de que a palavra seria oriunda do nome de uma ave chamada capoeira, encontrada no Brasil e também no Paraguai.

Antenor Nascentes, em 1955, na *Revista Brasileira de Filologia*, explica por que o jogo da capoeira se liga à ave. Informa que o macho da capoeira é muito ciumento e por isso trava lutas tremendas com o rival que ousa entrar em seus domínios. Concluindo que, naturalmente, os passos de destreza desta luta, as negaças, foram comparadas com os destes homens que, na luta simulada para divertimentos, lançavam mão apenas da agilidade (CAMPOS, 2001a, p. 21).

¹ Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade pelo PPGREC da UESB.

² Doutor em Antropologia Social; professor do Programa de Relações Étnicas e Contemporaneidade da UESB.

³ Professor de capoeira do Grupo de Capoeira Motumbá Axé em Jequié, na Bahia.

⁴ Mestre Xaréu é o nome pelo qual é amplamente conhecido o capoeirista e acadêmico Hélio Campos. Escreveu livros importantes para refletir sobre a capoeira e sua relação com a escola e a universidade.

Capoeira é uma manifestação artística e cultural popular, de matrizes africanas, de movimentos ricos que revelam a diversidade de maneira ressignificada na realidade escravagista que a formatou. Em toda a trajetória da formação da sociedade brasileira, a capoeira esteve presente como um “modelo de organização da resistência dos africanos e seus descendentes [...] [em suas] condições de sub-humanidade impostas pelo racismo e seus subsequentes aparatos de dominação naturalizados pelo escravismo” (ARAÚJO, 2004, p. 8).

Sua definição está intimamente ligada, no século 19, a organizações de resistência, como os maltas, e foi considerada “uma das manifestações de rebeldia destas populações marginalizadas”, além de “instrumento de defesa e de barganha política” (ARAÚJO, 2004, p. 8).

De fenômeno de resistência a ícone da identidade nacional, tem início a Capoeira Regional, formatada por Mestre Bimba, a partir do que ele chamou de Luta Regional Baiana. Hoje podemos observar que os praticantes de capoeira chegam aos milhões no Brasil e aos milhares no exterior⁵. Os que mantiveram o estilo anterior a esse fenômeno, considerado tradicional, ainda que também sofresse algumas mudanças, foram chamados de angoleiros, ou seja, praticavam a Capoeira Angola. Antes da Capoeira Regional, portanto, essa manifestação cultural era denominada apenas capoeira. É durante a Era Vargas que ela passa a ser dividida em Capoeira Angola e Capoeira Regional, de maneira a marcar os estilos distintos, mas de uma mesma raiz. De todo modo, em qualquer dos estilos, a capoeira é um elemento importante da cultura popular brasileira.

Em média, um capoeirista é levado a mestre após de mais de 20 anos de prática e ensino dessa arte. Esse é o caso do já citado Mestre Xaréu. Em suas observações, ele aponta ter observado ao longo de mais de 20 anos de prática de capoeira o quanto essa atividade é importante para o ser humano em sua formação global, visto que é através dos movimentos que se desenvolve o “interesse pelas artes e pela cultura, proporcionando ainda uma mudança de comportamento pelas múltiplas experiências vivenciadas” (CAMPOS, 2001a, p. 19).

Capoeira é uma arte, uma dança, uma luta e, sobretudo, uma filosofia de vida, que, numa das versões sobre sua origem, teria vindo para o Brasil junto com

⁵“Dados divulgados pela organização do Congresso Nacional de Capoeira realizado em São Paulo entre 15 e 17 de agosto de 2003, organizado com o apoio do Ministério dos Esportes e Turismo” (ARAÚJO, 2004, p. 1).

os africanos e africanas que foram arrancados de seus territórios e escravizados em solo brasileiro. Há outra versão de que ela teria sido uma invenção dos africanos escravizados e de seus descendentes afro-brasileiros. Entretanto, Mestre Xaréu assegura que essa última versão teria maior respaldo se os documentos históricos que a corroboram não tivessem sido queimados pelo Conselheiro Ruy Barbosa, quando Ministro da Fazenda do Governo Deodoro da Fonseca. Ele mandou queimar toda documentação referente à escravidão negra no Brasil, numa resolução de 15 de novembro de 1890 (CAMPOS, 2001a), sob a alegação de que se tratava de uma mancha que deveria ser apagada.

Em *Capoeira Angola*, encontramos a seguinte afirmação:

... tudo nos leva a crer que seja a capoeira uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros, tendo em vista uma série de fatores colhidos em documentos escritos e sobretudo no convívio e diálogos constantes com os capoeiristas atuais e antigos que ainda vivem na Bahia (RÊGO, 1968 *apud* CAMPOS, 2001a, p. 21).

Mestre Xaréu defende que a capoeira é genuinamente brasileira, porque, segundo ele, “pesquisadores que estiveram na África, principalmente em Angola, jamais encontraram vestígio algum de uma luta parecida com a nossa capoeira” (CAMPOS, 2001a, p. 22).

Carlos Eugênio Líbano Soares, ao tratar de capoeira e de outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro de 1808-1850, aponta que “a capoeira informa das transformações étnicas e culturais que envolveram escravos e libertos, africanos e crioulos, na cidade colonial, na passagem para a metrópole imperial” (2004, p. 26).

Por outro lado, Pires de Almeida sustentava que o jogo da capoeira, inquestionavelmente, teve origem nas “danças guerreiras de tribos africanas”, como demonstram bem “a tradição conservada pelas estampas de insuspeitos viajantes que aqui tivemos” (SOARES, 2004, p. 40). Já Hermeto Lima afirmara, baseado no que ele chama de “os melhores cronistas”, que a capoeiragem surgira em 1770, e que um tenente de nome João Moreira teria sido o primeiro capoeirista. Este teria sido um homem “rixento”, apelidado pelo povo de “amotinado”. Segundo sua versão, os negros escravos viram como João Moreira se defendia quando atacado por 4 ou 5 homens e “aprenderam seus movimentos, aperfeiçoando-os e desdobrando-os em outros e dando a cada um seu nome próprio” (1921 *apud* SOARES, 2004, p. 41).

Duas décadas e meia depois do que afirmara sobre a origem da capoeira,

Lima retrocede em suas ponderações e conclui que o “misterioso amotinado” não teria sido o criador da arte da capoeiragem, mas que este se tratava de um simples aprendiz dos meneios dos escravizados da cidade. Lima argui agora que “o amotinado” possivelmente fora buscar entre os africanos escravizados a capoeiragem, utilizadas por eles como “*esporte, como hoje se usa o boxe*”. Ele toma a gravura de Rugendas para se alinhar aos defensores da versão de que a origem da capoeira é africana (*grifo do autor*) (SOARES, 2004, p. 41).

Assunção e Mansa⁶ apresentam sua perspectiva sobre a origem controversa da capoeira: Eles arguem:

A origem da capoeira sempre foi controvertida. Mestre Pastinha (1889-1981), um dos mais famosos capoeiristas da Bahia, durante muito tempo pensou que a ginga que aprendera desde criança provinha de uma mistura de batuque angolano e do candomblé dos jejes, africanos da Costa da Mina, com a dança dos caboclos da Bahia. Porém, por falta de mais conhecimentos, não podia ir além dessa informação.

Isso até a década de 1980. Foi quando uma revelação mudou completamente suas ideias sobre a origem da capoeira. À frente de sua academia, situada no Pelourinho, em Salvador, Pastinha recebeu a visita de um pintor vindo de Angola. Chamava-se Albano Neves e Souza, e afirmava que tinha visto uma dança semelhante ao tipo de capoeira que o mestre baiano ensinava. Só que lá se chamava *n'golo* (2008, p. 14).

N'golo significa “zebra”, pois seus movimentos e golpes se parecem com o coice desse animal (*idem*, 2008, p. 17). Por outro lado, no documentário *A capoeira em Jequié* (SOUZA, 2018), o Professor Peruca depõe que os padres jesuítas relataram em suas cartas que “os índios faziam uma arte lúdica parecida com capoeira, que eram aquelas danças de guerra, com movimentos em círculo”. Ele diz ainda:

A gente vê que os elementos indígenas estão presentes na capoeira, o berimbau [...] o berimbau tem elementos indígenas: a cabaça, o caxixi [...] O berimbau da África era um berimbau de boca, era só um arco com um cipó. Quando veio para o Brasil, ele se transformou e virou esse berimbau de hoje que a gente utiliza na roda, que é o berimbau de barriga.

Com mais de 20 anos de prática e ensino de capoeira na cidade de Jequié, Bahia, Professor Peruca ensina onde quer que vá que “a capoeira veio grávida da África, e nasceu aqui no Brasil”. Assim sendo, essa parece ser mais uma versão atualizada nas rodas de capoeira sobre sua origem: a capoeira veio grávida de África, foi gestada no Atlântico e nasceu em solo brasileiro, recebendo as influências indígenas, dos povos originários daqui.

⁶ Mestre Cobra Mansa é mestre renomado de Capoeira Angola.

O que é importante salientar é que, embora haja diversas versões para a possível origem da capoeira, todas elas revelam algo interessante: ela está intimamente relacionada às populações negras e, para alguns, também aos povos indígenas. Isso coloca a capoeira como um saber essencialmente antirracista e decolonial, uma vez que traz a perspectiva da cultura do colonizado, valorizando-a sobremaneira e validando-a numa sociedade estruturalmente racista (ALMEIDA, 2020).

Com a Lei 11.645 de 2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena, a capoeira demonstra que possui todas as características de um saber que deve estar na escola, permeando todo o currículo escolar, como assegura a legislação.

A capoeira para além do esporte na Educação

Após sofrer dura repressão durante o Império e a República Velha, ter sido criminalizada no Código Penal de 1890 e ser liberada em 1934, a capoeira passa a ser incorporada pelo Estado Novo como símbolo da identidade nacional que a elite brasileira tanto buscava. De modo que, em 1954, Getúlio Vargas chega a considerá-la um esporte verdadeiramente nacional (BREDA, 2010). A esportização dos passatempos foi uma tendência europeia da época usada para reconstruir o cenário estabelecido pelas manifestações corporais no Brasil no início do século 20.

Nesse momento, a capoeira, que estava associada a uma prática de vadios e marginais, passa a vivenciar uma mudança importante no comportamento de seus praticantes. E o responsável por isso é Mestre Bimba, que cria um método próprio de ensino da capoeira, diferenciando-a da capoeira praticada à época. Tal metodologia incluía a criação de apelidos para os alunos, aplicação de um exame admissional, desenvolvimento de novos toques de berimbau, os quais deixaram o jogo mais dinâmico e os movimentos mais rápidos, o que caracterizava a prática como de defesa pessoal.

A sistematização e a inserção social da capoeira no contexto da educação popular baiana possibilitaram a sua descriminalização. Ela perderia, por meio dos trabalhos desenvolvidos pelo Mestre Bimba e outros mestres do Estado, a alcunha de refúgio de valentões e transformar-se-ia em ginástica brasileira (LUCENA; TRIGUEIRO, 2018, p. 96).

É importante observar que tais mudanças na prática da capoeira faziam parte de uma manipulação política que apresentava o ajuste necessário para

aproximá-las dos esportes ocidentais branqueados.

A capoeira assumiria, na tentativa de livrar-se da opressão e perseguição a ela impetrada pelos dirigentes políticos, o comportamento semelhante ao apresentado por outras manifestações esportivas introduzidas no Brasil no final do século 19, como o futebol, o turfe⁷ e o remo, que já denotavam uma transformação global em seus códigos de conduta e de sensibilidade à violência (LUCENA; TRIGUEIRO, 2018, p. 98).

A Lei 10.645 de 2003 é uma das políticas afirmativas para a promoção da igualdade racial que inauguraram um novo tempo na última década. Ela traz para o embate diversas questões ligadas ao racismo e ao preconceito, heranças do colonialismo.

Como prática pedagógica, além de trabalhar a formação integral do aluno, a capoeira desenvolve a parte física, além do caráter e da personalidade, exercendo influência nas mudanças de comportamento. Mestre Xaréu afirma que a capoeira proporciona ao aluno “autoconhecimento e análise crítica das suas potencialidades” (CAMPOS, 2001a, p. 25).

Outra capoeirista acadêmica, assim como Mestre Xaréu, a Doutora em Educação Rosângela Costa Araújo, conhecida no mundo da capoeira como Mestre Janja, amplia esse debate e coloca a capoeira como elemento importante na formação da sociedade brasileira, que ela chama de Grande Roda. Para além de um jogo corporal, a capoeira seria um jogo político de resistência cultural e da memória dos povos negros no Brasil, sem, no entanto, deixar de sublinhar sua presença para além das fronteiras nacionais. Em seu trabalho e em sua trajetória, Mestre Janja tratou da Capoeira Angola, da “escola pastiniana”. E, tendo esse aspecto em perspectiva, ela viu a capoeira no campo da educação como “um sistema cultural complexo, aberto a alteridade e promotor de ações educativas voltadas à formação e fortalecimento da identidade comunitária, formadora também da autorrepresentação” (ARAÚJO, 2004, p. 135).

Araújo ressalta que valorizar a tradição permite multiplicação e abertura para a alteridade. O jogo de Angola está para além de ser um jogo corporal, se concretiza como um jogo político de resistência cultural e da memória dos povos negros. A Capoeira Angola da escola pastiniana é considerada pela autora e por seus praticantes mais que uma luta, mais que um esporte, e até mesmo faz sérias críticas a esses conceitos relacionados à capoeira; ela é, primordialmente, uma

⁷Esporte relacionado a corrida de cavalos, seu treinamento, competições e apostas.

filosofia de vida, um condutor de valores inegociáveis, que devem estar no bojo de toda prática e estudos cotidianos da capoeira, a fim de garantir a própria sobrevivência. Para isso, seus mestres, professores e mais graduados – “os mais velhos” –, fazendo aqui uma analogia com a linguagem utilizada pelos povos de terreiro, teriam de aprender “a língua da capoeira”, que apresenta um sistema linguístico específico, o qual, segundo a autora, é o maior desafio dos educadores e educandos dessa filosofia (2001, p. 136).

Mestra Janja demonstrou que organizações angoleiras possuem ações de combate ao racismo, que chegam a reverter estereótipos negativos sobre a cultura negra, apresentando uma “práxis educativa engajada nas reflexões sobre a sociedade mais ampla” (ARAÚJO, 2001, p. 136). A base dos ensinamentos da capoeira são os seus fundamentos, são eles que dão sustentação às decisões dentro do jogo. Segundo a autora, é preciso que se tome o termo “jogo” numa concepção mais ampla. O jogo da capoeira tem uma ética própria, em que a ginga, mola propulsora desse jogo, transpõe a história que o corpo do capoeirista traz, negociando e se posicionando nessa Grande Roda que é a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CAPOEIRA EM JEQUIÉ. Direção: Tatiane Souza. Imagens: Letícia Alves e Tatiane Souza. Edição: Adauto Lima e Tatiane Souza. 2018 (15 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UVmzB0HbWdE&t=6s>. Acesso em 29 set. 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra – Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020.

ARAÚJO, Rosângela Costa. **Iê, viva meu mestre: a Capoeira Angola da “escola pastiniana” como práxis educativa**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2004.

ASSUNÇÃO, Mattias Röhrig; MANSA, Mestre Cobra. A dança da zebra. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. ANO 3, nº 30, mar. 2008.

BRASIL. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 27 set. 2022.

BREDA, Omri Ferradura (Mestre Ferradura). **A capoeira como prática pedagógica na Educação Infantil**. Educação Pública. 2015. Disponível em:

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/12/a-capoeira-como-prtica-pedaggica-na-educacao-infantil>. Acesso em: 03 abr. 2022.

CAMPOS, Hélio (Mestre Xaréu). **Capoeira na escola**. Salvador: Edufba, 2001a.

_____. **Capoeira na universidade**: uma trajetória de resistência. Salvador: Edufba, 2001b.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo; TRIGUEIRO, Nilene Matos. Educação, jogo de corpo e “mandinga” na capoeira de Bimba. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 38, n. 104, p. 89-102, jan.-abr., 2018.

QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

RÊGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: ensaio sócio-etnográfico. Salvador, Itapoã, 1968.